



## “COMECEI A ME MONTAR COM AS COISAS DELAS”: AS REDES DE AMIZADES EM MICROTERRITÓRIOS E A REINVENÇÃO DE SI

Ciro Linhares de Azevêdo

Universidade Federal de Campina Grande – ciroufkg@hotmail.com

**RESUMO:** O estudo tem como tema as narrativas de sexualidades no entrelaçamento de saberes e experiências de protagonista da cena urbana atual de Campina Grande-PB, a travesti Valquíria Montini. Escolhi trabalhar com entrevistas, a partir destas analisar as narrativas - que estão em temporalidades que se atravessam entre as décadas de 1970 e 1980 - pelas experiências de sexualidade, espaços praticados e as transformações estéticas dos corpos. Discuti as práticas de subjetivação que emerge das performances de si pela fluidez das noções identitárias, os sujeitos da trama traçada foram vistos pela sua contingência e historicidade. Também foram analisadas as elaborações de si, afetividades e modos de vida que se dão nas interações dos sujeitos que se dão em diversos espaços em Campina Grande e São Paulo. Por fim, problematizei as narrativas sobre a relação entre afetividades construídas em redes de amizades, microterritórios urbanos e a produção de novas estéticas de existência. Para tecer novos olhares acerca destas interações, usamos os diálogos teóricos fornecidos principalmente por Michel de Foucault e Michel de Certeau.

**Palavras-chave:** processos de subjetivação, microterritórios, travestilidade.

Este artigo é fragmento de pesquisas desenvolvidas durante a graduação e mestrado em História pela Universidade Federal de Campina Grande. Durante os anos de 2014 e 2015 entrevistei Valquíria Montini (único nome que pediu para referir-se a ela) é a mais antiga travesti<sup>1</sup> em atividade na cidade de

Campina Grande, estado da Paraíba. Não revelou precisamente sua idade nas entrevistas, mas afirmou que possui mais de sessenta anos.

Durante os encontros e conversas com Valquíria em seu apartamento busquei compreender como as narrativas de sexualidades produzidas por Valquíria Montini, em São Paulo, sobre temporalidades que se entrecruzam entre as décadas de 1970 e 1980, permitiram a produção de *estéticas da existência* (FOUCAULT, 2014; 2011), ou seja, as diferentes formas de artes de existência.

<sup>1</sup> Sobre a “identidade travesti” entendo a construção dessa identidade “Por sua transitoriedade pelos pólos da dicotomia de gênero, as travestis parecem ser capazes de subverter associações naturalizadas entre formas linguísticas e categorias sociais ao se utilizarem de discursos sobre essas categorias em suas interações. Assim, sujeitos que subvertem práticas semióticas para construção de seu gênero social entretêm com a linguagem uma relação de “*différance* mútua, de fluidez mútua que excede significados fixos e se mantém sempre plural, continuamente rompendo a marcação de fronteiras” (BORBA and OSTERMANN, 2008, p.410).



## XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES  
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

As narrativas construídas por Valquíria Montini permitiram discutir as formas de elaboração de si que se dão na interação dos sujeitos praticada nos espaços, bem como a construção das afetividades que neles se desenvolveram. Grupos de amigas, paixões e desafetos foram produzidas em espaços praticados que permitiram a Valquíria as transformações de seu corpo, a subversão de noções das noções binárias de gênero e a construção de novas possibilidades de vida dentro das múltiplas experiências travestis. Bordarei o tecido dessa escrita entre subjetividades, espaços e corpos.

### APRESENTAÇÃO DA PROTAGONISTA

Valquíria Montini nasceu na pequena cidade de Cabaceiras<sup>2</sup>, por volta da década de 1950. Durante a década de 1960, após a separação dos pais, foi morar com mãe e irmãs em Campina Grande e, nos primeiros anos da década de 1970, foi tentar construir a vida sozinha na cidade de São Paulo. Nesta conseguiu emprego num restaurante italiano e viveu numa pensão onde conheceu algumas travestis e começou a compartilhar

---

<sup>2</sup>Município localizado no Estado da Paraíba, no Brasil, atualmente com cerca de 5.039 habitantes, sobre seu histórico, localização geográfica e informações mais precisas pesquisar em <http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=250310&search=paraibalcabaceiras|infograficos:-informacoes-completas>. Acesso em 20/02/1015.

experiências e o cotidiano. Passou a deixar o cabelo crescer, tomar hormônios, frequentar as ruas de prostituição, dividir contas, frequentar boates, cinemas, praças, bares e bailes de carnaval. Dois anos depois de ter chegado á São Paulo, viajou com outras travestis para Paris, viveu algum tempo na capital francesa e mudou-se para Roma, na Itália. Só voltou a morar no Brasil em 1994, retornando definitivamente para Campina Grande, onde vive atualmente em pequeno apartamento localizado no “Edifício Lucas”, prédio grande e com considerável quantidade de apartamentos comerciais e residenciais.

Metodologicamente, analiso os discursos produzidos por Valquíria, como criação. Compartilho a noção que “Os discursos são práticas que constituem modos de arranjar objetos para o saber, dispor de temas e conceitos, reservar uma posição a quem pode ou deve ocupar o lugar vazio do enunciado” (ARAÚJO, 2011, p. 238-239). Os discursos, dessa forma, são práticas e a partir do cruzamento de saberes e experiências os sujeitos produzem hermenêuticas de si. Assim poderei refletir e analisar os saberes, práticas de sexualidade e corpos que contribuem para Valquíria se constituir enquanto sujeito, reafirmando, subvertendo e reinventando a heteronormatividade e as noções binárias de gênero.



## **INFINITOS PARTICULARES: AMIZADE E MICROTERRITÓRIOS**

*Há coisas encerradas dentro dos muros que,  
se saíssem de repente para a rua e gritassem,  
encheriam o mundo.*

Frederico Garcia Lorca

Valquíria expõe sua *trajetória* em *lugares praticáveis* que ela circulou por relações entre a construção afetiva dos espaços em Campina Grande, São Paulo, Roma e outras cidades. Dessa forma, os microterritórios que guiarão a narrativa histórica construída nesse tópico são: *pensão e apartamento* em São Paulo na década de 1970, *restaurante italiano* e *as ruas* em São Paulo na década de 1970 até ir em busca do sonho europeu. Analisar esses espaços permite traçar fios nas construções históricas de Valquíria enquanto sujeito em relação direta com as vivências possibilitadas por esses *microterritórios*.

*Primeiro grupo de microterritórios: a pensão e o apartamento*

Aos dezessete anos Valquíria saiu de Campina Grande para “correr atrás da própria vida”. É comum nas trajetórias homossexuais à ida para outros centros urbanos como forma de fugir do julgamento de familiares e amigos

para construção estética do desejo<sup>3</sup>. A ausência de espaços para extravasar outros desejos além da norma, torna insuportável a relação consigo quando a cidade paraibana de Campina Grande com cerca 169.765<sup>4</sup> habitantes na zona urbana na década de 1960 e 1970, os olhares públicos estão mais próximos e os julgamentos circulam em redes de conhecimentos menores para atingir os ouvidos dos familiares, amigos e conhecidos. Por ter ido ainda jovem para São Paulo e pela vida antes da travestilidade em Campina, Valquíria não quis durante as entrevistas falar sobre suas lembranças antes do dezessete anos, ela comenta a seguir:

[...] Sai de Campina com dezessete anos. Não tenho muitas lembranças de Campina Grande não, a gente nunca teve o que fazer aqui, aqui não tem um bar, um cinema, tem nada. Eu quando voltei em 1994 quase não saía daqui pra ir pra bar, pra rua, saía pra ir lá em Maria de Calu uma vez na vida outra vez na morte.<sup>5</sup>

A ausência de boa relação com a família e as restrições para construir novas redes afetivas oferecidas pela cidade levou Valquíria a partir para São Paulo em busca de

<sup>3</sup> Ver GREEN (2000).

<sup>4</sup> Fonte: <http://www.sudene.gov.br> - Municípios da SUDENE - População residente (Habitante) em Situação Urbana Ano 1991 e <http://www.ibge.gov.br> IBGE - Censo Demográfico, 1970/1980/1991 e 1996 (\*contagem populacional)

<sup>5</sup> Entrevista realizada com Valquíria Montini, em seu apartamento. Campina Grande, 12/03/2014.



## XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES  
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

dinheiro e “autonomia”. Em São Paulo, em plena década de 1970, Valquíria conseguiu abrigo numa *pensão* que se tornou decisiva para construir um modo de vida para si a partir da amizade com as(os) outras(os) moradoras(es), a aproximação afetiva com um “núcleo familiar” alternativo em outra cidade instigou compartilhamento de experiências, afetividades, desilusões, vocabulário, vestimentas, boates, bares, amores, amizades que não se limitaram aos traçados de uma afinidade identitária no campo da sexualidade, mas esta como fio condutor para produção de cultura de grupo em relação com a sociedade e as frestas deixadas por ela. A seguir Valquíria fala sobre esse primeiro grupo de amizade em São Paulo:

Na pensão vivia outras travestis, saíam a noite, eu via elas contarem como era na rua, começaram a dizer que eu tinha jeito, comecei a me montar com as coisas delas, comecei a sair com elas pra beber, pra boates, pros cinemas, aí comecei a tentar ir pra rua, na primeira vez nem tive vergonha(...)já sabia como era que elas contavam.<sup>6</sup>

Esse compartilhamento de experiências coincidiu com a grande presença de travestis entre os moradores da pensão. Com o fortalecimento das relações de amizade com Valquíria foram morar em um

*apartamento*, as despesas foram divididas e nova gama de experiências foi somada em cotidiano mais próximo. Outro microterritório foi gerado com as experiências de afetividades que haviam sido vividas na *pensão*, o *apartamento* é mais íntimo por ter status de casa coletiva organizada pelo próprio grupo. Com o decorrer do tempo o *apartamento* foi palco para as vivências das *monas*<sup>7</sup> durante o dia, pessoas de vários lugares que viram umas nas outras “linhas de fuga” para os estigmas do cotidiano. Na mistura sociocultural que ocorrem nos grandes centros urbanos, o apartamento como um fragmento possibilitou agregações sociais movidas por processos de identificação e alteridades.

Os processos de identificação entre as travestis tinham a presença de nova integrante do cotidiano: Valquíria. Esta faz parte da microsegregação desses sujeitos relegados aos espaços fechados e noturnos, segregados dos espaços públicos e apartados do ilusório projeto de integração social. O apartamento acabou ocupando a posição de peça fundamental da rede de apoio durante o dia antes de invadir outros espaços, também singularizados, para noite de prostituição como principal saída pela travesti segregada também das possibilidades profissionais.

<sup>6</sup> Entrevista realizada com Valquíria Montini, em seu apartamento. Campina Grande, 12/03/2014.

<sup>7</sup> Segundo Pelúcio(2007) o termo “*mona*”, derivado do *ioruba-nagô*, é largamente usado nas interlocuções com outra travesti, e significa “menina”.



Nesse aspecto o apartamento é *territorializado* afetivamente como *tática* (CERTEAU, 2007) de sobrevivência no cotidiano que serve de cenário para construção de fronteiras de convivências permeáveis e elásticas, pois valores do espaço social e indivíduos com tempos diferentes atravessam uns aos outros. Esse aspecto pode ser percebido quando Valquíria expressa que:

[...] A primeira vez foi porque as meninas disseram que eu parecia mulher e perguntaram porque eu não tomava hormônio e me vestia de mulher de vez em quando (risos) aí eu me vesti de mulher e fui pra rua ganhei dinheiro com força, o primeiro cliente eu não tive vergonha já sabia como que era, via na pensão onde eu morava, assim que eu cheguei em São Paulo fui morar num hotel ai depois fui conversando com umas amigas minhas na pensão tinha várias amigas aí fomos dividir um apartamento tinha a finada Tânia, tinha Catita que era daqui de Coritiba, tinha de todo canto de Recife, Salvador.<sup>8</sup>

A partir da fala acima, é possível perceber o momento em que ela teve suas primeiras experiências de transformações do corpo (vestir-se com roupas femininas, tomar hormônios para criar seios, deixar o cabelo crescer, porém ainda sem intervenções cirúrgicas), estimulada pelas experiências que se tornaram suas por serem compartilhadas

em conversas cotidianas com as amigas. Expõe como a *territorialização* de espaços como “linhas de fuga” possibilitou deslocamentos de discursos e cotidianos para si. A apreensão de gestos cotidianos que deslocavam as noções binárias dos gêneros, masculino e feminino, fez Valquíria vestir a si e ao mundo de outras formas. Vivenciou o primeiro programa nas ruas paulistas deitando não apenas com o cliente, mas metaforicamente com seu grupo. Também não recebeu apenas o dinheiro como recompensa, mas a identificação com os indivíduos que compartilharam afetividades e conflitos. As vivências no microterritório do *apartamento* ultrapassaram as paredes do imóvel para transfigurar partes do espaço público, como a presença de Valquíria e seu grupo em ruas para prostituição.

Valquíria foi a São Paulo na condição de “imigrante nordestino” no desejo de construir a vida diferente da vivida em Campina Grande. Essa saída também motivada pela sexualidade impedida de ser vivida com maior satisfação e autonomia na presença da família e ausência de grupos de apoio na cidade paraibana. Em São Paulo, o momento histórico da cidade e a fecundidade dos microterritórios inscritos afetivamente pelas vivências compartilhadas entre travestis na década de 1970 tornou possível algumas

<sup>8</sup> Entrevista realizada com Valquíria Montini, em seu apartamento. Campina Grande, 12/03/2014.



experiências de Valquíria, como dito por ela abaixo:

[...] lá em São Paulo eu ia era muito... gostava de ir, no cinema lá você ganhava dinheiro a maioria dos gays, dos homens tudo vai pro cinema caçar boy, faz programa e tudo. Dentro do cinema tem primeiro e segundo andar, tem os banheiros e você faz dentro dos banheiros mesmo e tem tanta bicha que trabalha dentro do cinema, eu ia na Rio Branco, na rua Augusta, as vezes eu não tinha o que fazer eu ia ficar com os boy e frescar com as bichas, as vezes ia pras cabines telefônicas, no cinema as vezes ficava a noite<sup>9</sup>

Em *Devassos no Paraíso* (2011), João Silvério Trevisan, caracterizou a década de 1970 pela “invasão” de travestis nas ruas paulistanas e pela proliferação de espaços de socialização homoerótica, passando a cultura queer<sup>10</sup> produzida no cotidiano por representações sociais mercadológicas em boates, cinemas e circuitos *de* prostituição. Ao mesmo tempo em que a presença crescente de travestis despertava reações agressivas da polícia e das “famílias

<sup>9</sup> Entrevista realizada com Valquíria Montini, em seu apartamento. Campina Grande, 12/03/2014.

<sup>10</sup> “Queer é tudo isso: é estranho, raro, esquisito. Queer é, também, o sujeito da sexualidade desviante – homossexuais, bissexuais, transsexuais, travestis, drags. É o excêntrico que não deseja ser “integrado” e muito menos “tolerado”. Queer é um jeito de pensar e de ser que não aspira o centro nem o quer como referência; um jeito de pensar e de ser que desafia as normas regulatórias da sociedade, que assume o desconforto da ambiguidade, do “entre lugares”, do indecível. Queer é um corpo estranho, que incomoda, perturba, provoca e fascina” (LOURO, 2008, p. 7-8).

brasileiras” como defensoras da moral social e dos “bons costumes”, esse crescimento do mercado do sexo travesti marcou o gosto brasileiro pelo ambíguo e dúbio. Reação da polícia exposta por Valquíria Montini a seguir:

[...] Já porque eu trabalhava nuazinha, só de calcinha aí a polícia dizia que era eu que entrava nos estacionamentos nua e saía nua, entrava no drive que era como se fosse um estacionamento é que eu trabalhava só de calcinha ou as vezes nua, só com um pano, nua, nua, nua, nuazinha aí uma vez eles disseram assim “AH é você que trabalha nua num é?”, daqui a pouco quando eu dou fé chegou o camburão queria que eu fosse presa que era atentado ao pudor naquela época ficar nua, aí eu disse que tava na porta do drive, não tava fazendo nada, não tava no meio da rua, aí eu sei que foi um moído, um moído, um moído aí eu tive que assinar uma vadiagem e dar dinheiro a eles e só que o dinheiro eu não dei a eles.<sup>11</sup>

Desde a década de 1950, o gosto pelo ambíguo caracteriza o desejo como parte das ruas das grandes cidades brasileiras, o estranhamento da travesti que grita convincente a fluidez das noções de gênero e sexualidade desperta a curiosidade e interesse. Desde o carnaval houve a intensificação da invasão do barroco, o exagero, a diversificação de práticas travestis no espaço público brasileiro durante as décadas de 1950

<sup>11</sup> Entrevista realizada com Valquíria Montini, em seu apartamento. Campina Grande, 12/03/2014.



## XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES  
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

e 1960, era vivido o glamour de serem protagonistas de desfiles e bailes de carnaval onde as máscaras eram estímulos aos atos sexuais clandestinos. A permissividade do carnaval é o clandestino no restante do ano, não apenas nos guetos estão as práticas desviantes, mas nos michês, banheiros públicos, cinemas pornô, *dark rooms*, ruas de prostituição e motéis para transas furtivas entre expedientes ou em madrugadas que os olhos da norma adormecem. (GREEN, 2000; TREVISAN, 2011)

Nesse contexto, durante as décadas de 1970 e 1980, as travestis são protagonistas no comércio de desejos e fantasias em seus corpos que possibilitam o hibridismo e deslocamentos das estéticas sociais de feminino e masculino. A herança da cena carnavalesca faz da travesti “produto” do consumo queer que sai dos guetos para fragmentos escuros da cidade, e desses para os guetos. “Para além do *glamour* e de concursos de carnavais, em que os travestis brilham, é indiscutível que eles precisam se prostituir, como preço pago à sua condição compulsória de marginalidade social (...)” (TREVISAN, 2011, p.418).

Ao passo que Valquíria insere-se em interações e recebe o cotidiano das amigas travestis no *apartamento* produz suas singularidades e compartilha representações sociais. Nesse contexto histórico de São Paulo

no mundo travesti entre a marginalidade e o *glamour*, o feminino e o masculino, levou a inserção de travestis em *apartamentos* na condição de microterritórios durante o dia e a *rua* como sobrevivência econômica e “linhas de fuga” do desejo durante a noite. Valquíria constrói-se nesse contexto, sua condição de marginalidade assume concepções travestidas do corpo e cotidiano, as transformações físicas são iniciadas, o dinheiro acumulado e afetividades são cada vez mais variadas e consistentes nos fragmentos da cidade. A construção de si aponta o aspecto cultural da apreensão dos gêneros, corpos e desejos.

### *Segundo grupo de microterritórios: o restaurante italiano e as ruas*

Durante os dois primeiros anos da década de 1970 que viveu em São Paulo seu cotidiano alternou entre as ruas, as boates e cinemas frequentados com outras travestis e o restaurante italiano que foi seu primeiro emprego. Esse ambiente acompanhou as primeiras transformações do seu corpo e do olhar do “seu Guito”, dono do restaurante. Neste, Valquíria começou a tomar hormônios, deixar o cabelo crescer, pintar unhas, usava roupas mais apertadas, flertar com clientes e com o filho do “italiano”:

[...]o nome do velho era Guito era italiano e filho era bonitinho o danado e eu me dei muito bem com o filho dele e o filho dele



era entendido só que entendido daquele jeito que ninguém catava sabe como é?(...) mas o filho dele sempre me aceitou, os funcionários também, mas ele nunca gostou muito não ele ficava vendo eu conversando muito com o filho dele aí do meio pro fim ele pensava ou que eu ia botar o filho dele na perdição, que o filho dele era bem mais velho que eu, que era bem mais experiente, ou pensava que eu tinha caso com o filho dele não sei se ele sabia ou não sabia que o filho dele era, só sei que o filho dele adorava (risos).<sup>12</sup>

Após dois anos entre o trabalho no *restaurante* Italiano e o *montando-se* para a cena travestida da noite, outros espaços passaram a atravessar o cotidiano de Valquíria. O *restaurante* durante o dia disciplina seu corpo em trajes masculinizados de garçom e a desconfiança de “seu Guito”, mas também serve para aventuras furtivas com o filho do italiano e “caçar” clientes em troca de bilhetes:

[...]já comecei no restaurante. No fim de semana o povo deixava telefone pra sair e dizia onde morava. Aí eu comecei a ir pra rua Augusta, Avenida Paulista, Santo Amaro, São Bernardo, São Caetano e na rua dava dinheiro melhor do que no restaurante. Aí, sabe de uma coisa? Pedi minhas contas. Aí ele disse “você trabalha aqui mais de dois anos é uma pessoa de bem que todo mundo gosta de você”, mas não dava não, disse a ele que ele já tinha reclamado porque eu tinha chegado

bem feminina, cabelo grande, tava criando peito, com muito jeito.<sup>13</sup>

O restaurante deixou de ser a única fonte de sustento, mas em processo de subversão da funcionalidade dos espaços durante algum período possibilitou trocas de olhares, insinuações e, por fim, números de telefones e endereços para programas futuros, enquanto as estratégias de poder disciplinavam os corpos na figura do dono do restaurante, pedindo para Valquíria Montini conter atos e gestos que embaralhavam esteticamente o masculino e feminino, que provocava os clientes e até outros funcionários.

As relações com o restaurante é feita entre a necessidade de sustento, a norma e seus desvios. A subversão da disciplina nas relações de trabalho, onde a estética deve adequar-se ao significado racional do estabelecimento, é realizada por táticas (CERTEAU, 2007) onde o mais fraco subverte as normas circulando dentro do território do inimigo. Após as vivências com as amigas travestis, o restaurante passou espaço para aquisição de contatos, burlando o olhar observador do patrão.

Paralelamente ao trabalho no restaurante, Valquíria dividia morada com

<sup>12</sup> Entrevista realizada com Valquíria Montini, em seu apartamento. Campina Grande, 12/03/2014.

<sup>13</sup> Entrevista realizada com Valquíria Montini, em seu apartamento. Campina Grande, 12/03/2014.





algumas travestis. As vivências no apartamento e as primeiras experiências travestidas mudaram as formas que Valquíria circulou e vivenciou a cidade. Esta foi estraçalhada em novos fragmentos como a Rua Augusta, Avenida Paulista, Santo Amaro, São Caetano e São Bernardo que são espaços marcados pela circulação de dinheiro no comércio diurno e reinventados para a circulação de corpos para consumo a noite.

Segundo Green (2000, p.397), outro aspecto da vida travesti na década de 1970, ainda mais nos dois primeiros anos dessa década, marcada pelos governos militares, foi a perseguição e ameaças a “ordem” nas ruas foram acentuadas com o pagamento da *vadiagem* e prisões abusivas marcadas por violências, humilhações e favores sexuais. Os primeiros anos da década de 1970 foram marcados pelas primeiras consequências do golpe militar de 1964, as medidas repressivas tomadas pelos militares e pela reação conservadora da sociedade brasileira a fim de manter a ordem e os “bons costumes” chegaram com maior intensidade nos “pedaços” homoeróticos<sup>14</sup> só a partir do AI-5, baixado em 13 de dezembro de 1968, com as *blitz* maciças. Estas batidas policiais criaram um clima de precaução também no cotidiano *queer* em boates, praças, parques, cinemas e

<sup>14</sup> O uso desse termo refere-se a pessoas que mantêm relações afetivas, sexuais, lascivas com pessoas do mesmo sexo. Ver VIEIRA(2006)

travestis. Apesar, que eram batidas mais intensas nas ruas e mais raramente nos “guetos”.

Assim, mesmo com a crescente presença de michês e travestis nas ruas das grandes cidades brasileiras nos primeiros anos da década de 1970, passaram a ser constantemente acusados de vadiagem ou atentado ao pudor, assim necessitavam comprovar algum vínculo empregatício ou amizades com os policiais para não serem detidos. O cotidiano *queer* estava em expansão territorial na cidade, outros bairros eram invadidos por “guetos”, mas travestis e michês com maior circulação fora dos “guetos” passaram a incomodar mais as “famílias cristãs brasileiras” dos bairros fora do centro e geraram maiores reações da polícia.<sup>15</sup> Como exposto Valquíria a seguir:

[...] Realmente pra gente ficar na rua e trabalhar na rua naquela época...a polícia pegasse a gente duas, três vezes durante a semana, a gente tinha que assinar a vadiagem e se a gente não pagasse aquela vadiagem...era como uma multa de carro, você tem três, quatro multas e você não paga seu carro num vai preso?! Mesmo assim era a gente, tinha que pagar pra ta na rua, aí tinha que pagar (...)Se...não pagasse ia presa, como eu tive algumas amigas que foram para

<sup>15</sup> Para maiores detalhes sobre o cotidiano gay nesse período da história do Rio de Janeiro e São Paulo indicamos GREEN (2000, p.403-408)



aquele filme Carandiru, foram pra cadeia e ficaram presas muito tempo.<sup>16</sup>

O cotidiano das travestis existia em constante tensão com as estratégias de controle dos espaços e dos corpos representadas no uso da força e da violência da polícia. A década de 1970 marcou ações de vários delegados paulistanos tentando eliminar ou aproveitar-se em estratégias de corrupção da presença dos travestis nas ruas, principalmente durante noite. “Quanto à polícia, além de cobrar “taxas de proteção”, práticas de extorsões mais diretas, quando das batidas nas quais os travestis são presos e gratuitamente agredidos (TREVISAN, 2011, p.419)”.

Além do aparecimento de constantes casos de agressão ou até mortes de travestis por grupos anônimos de “machões” em avenidas paulistas, o risco da polícia e seus abusos de poder também é eminente, o medo levava algumas “travas<sup>17</sup>” a pagar propinas para serem “protegidas” pelos policiais; pagavam a “vadiagem” para não serem presos sobre acusações de ameaçar a ordem pública e não ter trabalho e renda fixa. Segundo Trevisan (2011, p. 419), alguns travestis procuraram na justiça a concessão de

<sup>16</sup> Entrevista realizada com Valquíria Montini, em seu apartamento. Campina Grande, 12/03/2014.

<sup>17</sup> A expressão faz parte das diferentes categorias êmicas usadas pelas travestis na classificação de si mesmas, sobretudo, no comércio sexual. A expressão foi citada por Valquíria durante as entrevistas.

documentos de *habeas corpus* que carregavam na bolsa para ter o direito de ir e vir em vias públicas garantido. No entanto, a arbitrariedade policial gerava atos de espancamento, prisões e xingamentos vindos após os policiais rasgarem os documentos cedidos pela justiça as travestis.

Os conflitos violentos entre travestis e policiais tornaram-se cada vez mais constantes e as reações, de ambos os lados, cada vez mais intensas. Muitos travestis passaram a desenvolver outras estratégias para não serem presos ou espancados pelos policiais; começaram a andar com giletes e realizar automutilações nas prisões, quando muitas vezes eram presas para lavar os banheiros das delegacias, cortando o pulso, ou pênis, pescoço e sangrando eram levados aos hospitais ou liberados. A automutilação tornou-se tática de reação aos estados de dominação policial, pois os travestis, por ser relegados a condição de párias, não teriam nada a perder além da vida. (TREVISAN, 2011)

### **“AÍ FUI PROCURAR MEU RAMO”: A TURMA E A EXPERIÊNCIA EUROPEIA**

Fugindo do acirramento das ações policiais desenrolou um período de “exportação” de travesti brasileiras para Europa, sendo os principais destinos a França



e Itália, em 1972, quase completamente integrada na *communitas* travesti em São Paulo, Valquíria decide ir para Paris tentando livrar-se do momento de hostilidade brasileira e embalada pela promessa de fortuna em terras estrangeiras, que importavam o *glamour* da cena carnavalesca brasileira em mercadorias sexuais:

[...] aí fui procurar meu ramo, disse a ele que ia pra Itália, ou melhor, pra Paris com uma semana sai do restaurante não pedi conta, não pedi nada, ele disse que eu não saia aí cheguei pra Tânia disse que tinha saído, que tinha meu dinheirinho junto pra mim ir embora pra Paris ela me emprestou os mil dólares e disse que tava indo ela e outras amigas que tinha vindo passar o carnaval no Rio de Janeiro e depois iam embora. Eu aproveitei o embalo e fui junto.<sup>18</sup>

As amigas de apartamento e das ruas de prostituição se tornaram, para Valquíria, apoio de grupo para após pedir demissão do restaurante italiano, ir à procura do mesmo sonho de sucesso em terras estrangeiras. Mais uma vez, as vivências nos *microterritórios* foram atravessadas pela historicidade do cotidiano do espaço social, pois as transformações no contexto político brasileiro durante o regime militar gerou uma reação conservadora que tornou a rua mais perigosa do que o usual para as travestis que passaram a alimentar o “sonho europeu”.

<sup>18</sup> Entrevista realizada com Valquíria Montini, em seu apartamento. Campina Grande, 12/03/2014.

Segundo Trevisan (2011), após algum tempo em Paris, o governo francês reagiu e acirrou a perseguição policial restringindo emissões de vistos na tentativa de diminuir a presença das travestis brasileiras acusadas de serem responsáveis pelo aumento da criminalidade nas ruas francesas, como reação ocorreu verdadeira diáspora das travestis brasileiras pela Europa, sendo destino preferencial a Itália<sup>19</sup>. Percurso exposto por Valquíria, “[...] quando foi com três dias eu fui na agência e fui embora pra Paris, quando cheguei tava o resto de Paris, aí fui embora pra Itália porque a Itália é mais..., fiquei na Itália”.<sup>20</sup>

## CONCLUSÃO

As histórias das vivências em relação com os territórios é o que permitiu Valquíria realizar elaborações de si. Analisar essas elaborações permite também vagar pelas transformações históricas da condição dos sujeitos queers em vários espaços urbanos, pois em uma temporalidade diferente, a organicidade do espaço social permite em algum momento alterar a rigidez da condição material e moral do espaço social.

<sup>19</sup> Para maiores detalhes ver TREVISAN (2011, p.417-428).

<sup>20</sup> Entrevista realizada com Valquíria Montini, em seu apartamento. Campina Grande, 12/03/2014.



Dessa forma, vocabulários, afetividades, vestuários, paixões, intrigas, solidariedades são produzidas e esses espaços, que são fragmentos citadinos, acabam tornando o clandestino em público e permitindo a produção de novos sujeitos.

## REFERÊNCIAS

ARAUJO, Eronides Câmara de. “Fazer de algumas passagens, quadros e quem sabe um dia, você possa Assinar”: homens traídos e práticas da masculinidade para suportar a dor / Eronides Câmara de Araujo. – Campina Grande, 2011. 295

BORBA, Rodrigo; OSTERMANN, Ana Cristina. *Gênero ilimitado: a construção discursiva da identidade travesti através da manipulação do sistema de gênero gramatical*. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 16, n. 2, Aug. 2008 .

CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano: 1. Artes de Fazer*. Rio de Janeiro: Vozes, 2007, p. 97.

COSTA, Benhur Pinós da. *Por uma cartografia do cotidiano: território, cultura e homoerotismo na cidade*. 2007. Tese (Doutorado em Geografia Programa de Pós-

Graduação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

FOUCAULT, Michel *.Ditos e escritos, volume V: ética, sexualidade e política*. Organização e seleção dos textos Manoel Barros da Motta; tradução Elisa Monteiro, Inês Autran Dourado Barbosa – 3ª Ed. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

\_\_\_\_\_. **A coragem de verdade: o governo de si e dos outros II**. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

GREEN, James. N. *Além do Carnaval: história da homossexualidade masculina no Brasil*. São Paulo, Editora Unesp, 2000.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas*. Revista Pró-Posições. v.19, nº 2 (56), 2008.

PELÚCIO, L. "Eu me cuido, mona": saúde, gênero e corporalidade entre travestis que se prostituem. *Seminário Homofobia, Identidades e...*, Florianópolis, 2007. p. 1-11,

TREVISAN, João Silvério. *Devassos no Paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*. 8º Ed.. Revisada e ampliada. Rio de Janeiro: Record, 2011.